



ORIENTE MÉDIO

EUA e Irã ensaiam diálogo

Em meio ao reforço de seu dispositivo militar no Golfo Pérsico, Donald Trump envia seu emissário especial à Turquia para uma reunião com altos funcionários do regime islâmico de Teerã. Na agenda, a retomada de negociações sobre o impasse nuclear

» SILVIO QUEIROZ

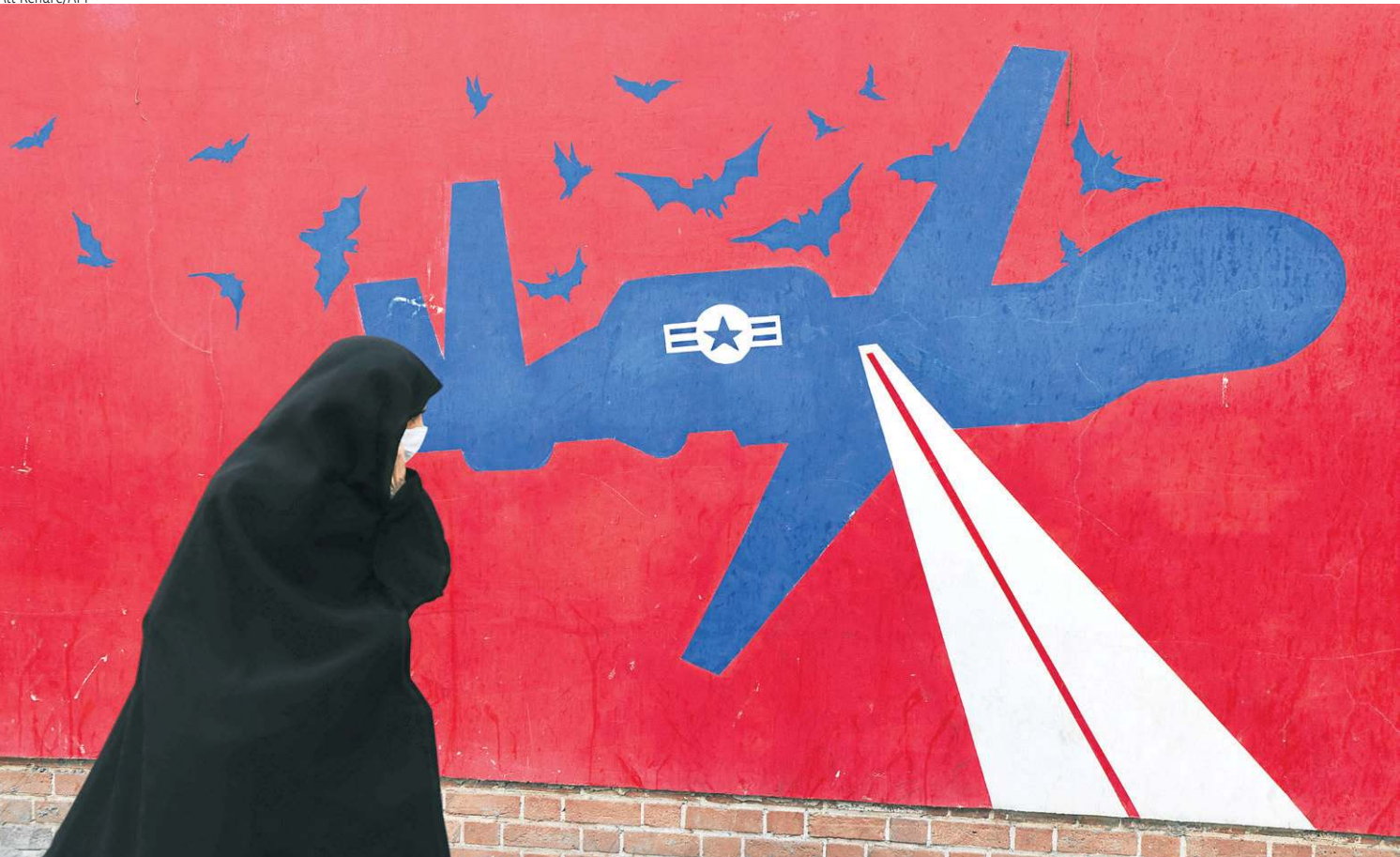
Enviado especial de Donald Trump para o Oriente Médio, Steve Witkoff, deve se reunir no fim da semana, na Turquia, com o chanceler do Irã, Abbas Araghsh, para retomar negociações diretas sobe o programa nuclear desenvolvido pelo regime islâmico. De acordo com o site de notícias norte-americano Axios, o encontro estaria previsto para a sexta-feira, em Istambul. A agência iraniana de notícias Fars confirmou que o presidente Masoud Perzeshkian “ordenou a abertura de negociações diretas com os Estados Unidos”.

O aceno ao diálogo abre parênteses em uma escalada de tensão que vem da virada de ano, quando eclodiu nas principais cidades iranianas uma onda de manifestações contra a crise econômica. Os protestos se alastraram pelo país, nas últimas semanas, assumiram um caráter de contestação aberta ao regime e foram reprimidos com dureza inédita nas quase cinco décadas desde a revolução islâmica de 1979. Os conflitos teriam resultado em ao menos 6 mil mortes, segundo organizações pró-direitos humanos baseadas nos EUA e na Europa, que contabilizam ainda milhares de presos.

A abertura de Teerã ao diálogo, aparentemente aceita por Washington, se segue a uma troca de ameaças que coincidiu com a chegada ao Golfo Pérsico, nos limites da costa iraniana, do grupo naval liderado pelo porta-aviões USS Abraham Lincoln. Paralelamente, os EUA reforçaram a presença de aviões de combate nas bases que mantêm na Jordânia, nos Emirados Árabes Unidos e em outros países vizinhos ao Irã. No domingo, porém, Trump afirmou que “espera chegar a um acordo”.

“Estamos examinando e finalizando os detalhes de cada etapa do processo diplomático, que esperamos concluir nos próximos dias”, informou Baqaei. O porta-voz, no entanto, frisou que seu governo não toma em conta algum prazo que possa ter sido fixado para a conclusão de um acordo sobre o programa nuclear — uma noção que foi colocada em pauta, no fim de semana, pelo presidente dos EUA. Trump não foi explícito sobre uma data, mas afirmou que “eles (os

Att Kenare/AFP



Grafite pintado no exterior da embaixada americana em Teerã mostra um drone: regime islâmico em guarda contra possível ataque

» Abertura na Faixa de Gaza

Cruzaram ontem a fronteira para o Egito, na passagem de Rafah, os primeiros palestinos residentes na Faixa de Gaza autorizados a deixar o território pelas forças israelenses, que controlam os acessos ao enclave. Os contemplados foram civis doentes e feridos nos dois anos de guerra entre Israel e o movimento islâmico Hamas. Conduzidos em três ambulâncias, eles foram “imediatamente examinados para determinar para qual hospital seriam transferidos”, informou à agência de notícias France-Presse um alto funcionário do Ministério da Saúde egípcio. Fechada desde 2024, a passagem de Rafah — única via de acesso entre Gaza e o mundo exterior que não passa por Israel — foi reaberta ontem nas duas direções para os moradores, que poderão cruzar a fronteira sob condições muito estritas.

iranianos) sabem” qual seria o limite para que aceitem o acordo proposto. “O Irã nunca aceita ultimatoss”, garantiu o funcionário.

Região em alerta

A escalada de tensão incluiu uma intensa troca de ameaças, em que ambos os lados prometeram empregar “força máxima” em caso de ataque pelo adversário. O líder supremo do Irã, o aiatolá Ali

Khamenei, advertiu que, ao contrário do que ocorreu nos ataques dos EUA a instalações nucleares do país, no ano passado, desta vez uma ofensiva contra seu país deflagraria “uma guerra regional”. Vizinhos como a Arábia Saudita e mesmo Israel, inimigo frontal da República Islâmica, teriam intercedido com Trump para que não precipite uma investida. A Jordânia, também aliada dos EUA, comunicou formalmente a Teerã que não

Khamenei/IR/HO/AFP



O líder supremo, aiatolá Ali Khamenei: ataque pode desatar "guerra regional"

permitirá o uso de seu espaço aéreo por aviões norte-americanos, num ataque ao Irã.

A imprensa dos EUA publicou ontem informações atribuídas a fontes bem colocadas no governo Trump segundo as quais comandantes militares israelenses teriam se reunido com contrapartes, em Washington, para discutir opções, prazos e outras variáveis relacionadas a uma ação militar contra o Irã. No auge da represália aos protestos contra o regime dos

aiatolás, há duas semanas, o presidente dos EUA chegou a convocar os iranianos a “tomar de assalto” órgãos do poder e prometeu que “o socorro está a caminho”. O governo israelense, assim como os aliados árabes, teria insistido com a Casa Branca por mais tempo para preparar-se para a esperada — e anunciada — represália militar iraniana.

Desde então, Washington optou por moderar o tom e mudar o foco de sua abordagem. Em lugar das

ameaças de uma intervenção em apoio aos manifestantes contrários ao regime, colocou sobre a mesa a retomada de negociações sobre um acordo pelo qual o Irã renuncie formalmente a desenvolver armas atômicas. Teerã parece ter aceitado a abertura, nos termos do que chegou a ser discutido em 2025, antes dos bombardeios dos EUA contra algumas das principais instalações ligadas ao programa nuclear.

“O presidente Trump diz ‘não às armas nucleares, e estamos totalmente de acordo com esse ponto’, disse ontem o chanceler Abbas Araghchi. (...) Claro, em troca, esperamos um levantamento das sanções”, disse Araghchi no domingo. “Portanto, esse acordo é possível. Não estamos falando de coisas impossíveis”, acenou.

Risco calculado

Na avaliação do professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, Donald Trump e seus estrategistas parecem planejar os próximos lances segundo um cálculo pormenorizado dos riscos envolvidos — começando por uma estimativa quanto à possível resposta do regime islâmico. “O Irã tentaria atacar bases e interesses norte-americanos no Oriente Médio inteiro. Isso poderia trazer uma desestabilização maior ainda na região mais importante fornecedora de petróleo do mundo”, observou o estudioso, em entrevista ao **Correio**.

Rudzit vê na recente escalada retórica de Washington, e mesmo nos preparativos militares colocados em marcha, um movimento cujo objetivo é atrair novamente Teerã à mesa de negociações sobre o programa nuclear. Com eleições legislativas marcadas para novembro, e de olho em qualquer impacto mais significativo sobre a economia, Trump trata de evitar uma disparada nas cotações do petróleo. O professor da ESPM acrescenta ao espectro das preocupações da Casa Branca “o histórico de que, quando o Irã é atacado externamente, seja pelos EUA ou por Israel, a população se volta contra o atacante” e a oposição direta ao regime arrefece. “É por isso que eu acredito que seja uma pressão para fazer o Irã negociar outro acordo sobre o programa nuclear”, arrisca.

AMÉRICA LATINA

Costa Rica vai copiar Bukele

Eleita no domingo presidente da Costa Rica, a direitista Laura Fernández conta com o presidente de El Salvador, Nayib Bukele, para “concluir com sucesso” sua estratégia de combate ao narcotráfico. A vencedora adotou como lema central de campanha uma política de tolerância zero contra o crime organizado inspirada nas controversas medidas impostas no país vizinho. Bukele, que conversou com Laura horas depois de proclamado o resultado das eleições, assessora o atual governante costarriquenho, Rodrigo Chaves, na construção de um presídio nos moldes da megaprisão construída para encarcerar os membros de facções criminosas salvadorenhas.

Durante entrevista coletiva, a recém-eleita afirmou que o futuro colega “voltou a reiterar seu compromisso de continuar colaborando conosco e cooperando para que a Costa Rica conclua com sucesso esse projeto e muitos outros mais”. A ofensiva de Bukele contra o narcotráfico reduziu a violência em seu país para níveis historicamente baixos, mas ONGs denunciam que a política também levou a violações dos direitos humanos.

“Deve-se cortar a conexão do

» Trump recebe Petro

Depois de um ano trocando ataques pessoais e ácidas divergências políticas, o presidente Donald Trump e o colega da Colômbia, Gustavo Petro, terão hoje o primeiro encontro a dois na Casa Branca. A expectativa do governo de Bogotá, segundo a chanceler Rosa Villavicencio, é de que a relação bilateral “será relançada” na reunião, com aberturas para “avanços muito importantes no social, no bom entendimento diplomático e também no econômico”. Primeiro político de esquerda a governar o país em 200 anos de vida independente, Petro foi o governante sul-americano que adotou o discurso mais duro contra a operação militar ordenada por Trump no Mar do Caribe, em setembro último, a pretexto de combater militarmente o tráfico de cocaína para os EUA a partir da Venezuela. O presidente colombiano condenou duramente, há um mês, o ataque norte-americano a Caracas e a captura do presidente Nicolás Maduro. “A mensagem é clara: com esse encontro, as nações ganham, e os criminosos perdem”, afirmou o ministro colombiano da Defesa, Pedro Sánchez. “Viemos a Washington com esse espírito”, completou a chanceler.

crime organizado com o mundo externo”, argumentou Laura Fernández. “Por isso, essa prisão tem de se tornar realidade”, disse a presidente eleita, que foi ministra do atual mandatário.

Por décadas considerada um dos países mais seguros da América Central, a Costa Rica passou de ponto de trânsito a centro logístico e de exportação de drogas para os Estados

Unidos e a Europa, disse à agência de notícias France-Presse o diretor do Organismo de Investigação Judicial (OIJ), Michael Soto. A segurança pública é hoje a principal preocupação dos costarriquenhos, que garantiram para a candidata govenista a vitória no primeiro turno e a maioria legislativa.

“El Salvador, que conseguiu recuperar sua sociedade após mergulhar

Marvin Recinos/AFP



A presidente eleita da Costa Rica: tolerância zero, ao estilo salvadorenho

em uma crise de violência sem precedentes em nível mundial, pode continuar compartilhando sua experiência conosco”, disse à imprensa a presidente eleita, uma cientista política de 39 anos. Durante o governo Chaves, os homicídios atingiram um pico histórico de 17 para cada 100 mil habitantes, índice pelo qual ele responsabiliza o Poder Judiciário, ao qual acusa de não endurecer

as medidas contra os criminosos.

Laura Fernández será a segunda mulher a governar a Costa Rica, país de 5,2 milhões de habitantes e um dos mais estáveis da região. Ela se segue a Laura Chinchilla, que também venceu no primeiro turno, em 2010. “As maiorias eleitorais, por mais avassaladoras que sejam, não são salvo-conduto para silenciar as minorias nem para sufocar as vozes dissidentes”,

advertiu Chinchilla, uma de suas críticas mais ferrenhas, que pediu à oposição que cumpra seu papel de contrapeso no Congresso.

Os opositores afirmam que Chaves, a quem acusam de “autoritário”, controlará o Executivo dos bastidores e tratará de preparar o retorno ao poder. Na Costa Rica, o presidente deve esperar dois mandatos para voltar a se candidatar ao cargo.